

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Da Avenida Paulo Fontes à Passarela Nego Quirido: alterações na dinâmica socioespacial e no modo de narrar das escolas de samba de Florianópolis (1982-1989)¹

Willian Tadeu Melcher Jankovski Leite²

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

willian.leite@udesc.br

Nos principais meios de difusão de memórias sobre as escolas de samba de Florianópolis – a imprensa escrita e a transmissão televisiva dos desfiles – é perceptível a expressão de uma narrativa sobre a história dos desfiles dessas agremiações que divide o tempo pela migração por três palcos: a Praça XV de Novembro, a Avenida Paulo Fontes e a Passarela Nego Quirido. Essa simplificação da história, tipicamente midiática, é, por si mesma, um dado relevante a ser considerado e uma versão a ser complexificada.

A reafirmação dessa memória por diferentes atores sociais – de jornalistas a componentes de escolas de samba – em anos diversos nos registros audiovisuais dos desfiles que analiso em minha pesquisa (de 1987 a 2020), bem como na crônica jornalística sobre o carnaval local, permite perceber que estamos diante de uma representação da *memória coletiva*, nos termos sociológicos de Maurice Halbwachs (1990), isto é, a memória que se aprende socialmente, aquilo que lembramos juntos, ainda que não tenhamos vivido. A partir desta memória, são formuladas *representações* que expressam pontos de vista “de acordo com os quais esses sujeitos organizam suas operações de rememoração histórica da narrativa” (RÜSEN, 2001, p. 69), como homens e mulheres que “elaboram ideias sobre o real, as quais se traduzem em imagens, discursos e práticas sociais que não somente qualificam o mundo como também orientam o olhar e a percepção sobre essa realidade” (PESAVENTO, 2008, p. 13).

Essa memória coletiva opera no campo simbólico definindo os “três períodos” das escolas de samba em uma representação bastante esquematizada, sem precisão

¹ Este artigo expressa pontos de vista que fazem parte do percurso de pesquisa para construção da Tese de Doutorado do autor.

² Doutorando em História (área de concentração: História do Tempo Presente) pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina, sob orientação da Prof. Dra. Viviane Trindade Borges.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

histórica e bastante genérica. À Praça XV, é dado o lugar de embrião, romântico e saudoso, quando os desfiles seriam simples e autênticos. Na Avenida Paulo Fontes, as escolas de samba teriam vivido seu apogeu, desfilando com até 5 mil componentes, criatividade e exuberância visual. É neste período que costumam ser localizados os sambas-enredo que seguem sendo cantados pelas agremiações em seus eventos e os carnavalescos identificados, nessa memória, como os grandes artistas da folia da capital catarinense. Os tempos seguintes, da Passarela Nego Quirido, são representados como tempos de perda da pureza, quando as escolas teriam se afastado de suas raízes e se tornado mais comerciais.

A partir da análise de fontes históricas de diferentes naturezas, observo, em minha pesquisa, o processo de apropriação e adaptação, pelas escolas de samba de Florianópolis, do formato de narrativa criado no Rio de Janeiro. Este texto busca dar ênfase a características percebidas através da análise minuciosa de audiovisuais, considerando o encontro inesperado com uma gravação amadora em formato super-8, identificada apenas como “Super-8 Desfile de Carnaval 1982”. Considero também as gravações das transmissões dos desfiles de 1987 e 1989 (em 1988, o evento não ocorreu), periódicos de circulação regional e cadernos sobre o carnaval produzidos anualmente pelos órgãos de Turismo da Prefeitura Municipal de Florianópolis. O cruzamento dessas fontes é fundamental para a visão panorâmica das transformações ocorridas no carnaval local que são tratadas a seguir.

A Praça XV: desconstruindo o mito de uma “curta origem”

Para complexificarmos o olhar sobre os diferentes locais onde foram realizados os desfiles das escolas de samba de Florianópolis, cabe ressaltar o que há de verossimilhança nessa memória coletiva e, concomitantemente, tirarmos do tempo quase imóvel separado por marcos repentinos e das características fixas os anos de desfiles por seus trajetos. O primeiro palco é a Praça XV, localizada na porção insular da cidade de Florianópolis, local de fundação da póvoa onde, desde cedo, ocorriam as primeiras brincadeiras carnavalescas na então vila de Nossa Senhora do Desterro. Próxima do mar (até a década de 1970, quando a área foi aterrada) compõe um cenário

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

onde as características portuárias da cidade se desenvolveram, bem como a área de atividades destinadas aos escravizados, como o transporte de mercadorias e às quitandeiras, que salpicavam com suas barraquinhas a região (CARDOSO, 2008). Entre as casinhas geminadas das imediações da Praça XV, a imprensa dos séculos XVIII e XIX descrevia a prática do entrudo, com limões-de-cera e sacos de farinha.

Além das brincadeiras populares nas imediações, a Praça XV foi palco, desde meados do século XIX, de manifestações mais ligadas à elite, como os “carros de ideias” das sociedades carnavalescas, com sátiras que refletiam sobre a conjuntura da época (REGO, 2008). Eram agremiações que contavam com o apoio e participação de segmentos da elite política, com seus quadros refletindo divisões partidárias, o que levava a um forte apoio e cobertura de suas atividades pela imprensa local até a década de 1960³. Embora não tenham sido feitos estudos mais detalhados, talvez pela insuficiência de fontes, sabe-se que em diversos carnavais a Praça XV também foi palco de manifestações ligadas às camadas menos abastadas, como os blocos, os cucumbis e as escolas de samba, como indicam as notícias sobre os festejos carnavalescos no jornal *O Estado* durante as décadas de 1940 e 1950.

Este breve panorama da diversidade de manifestações concentradas em diferentes temporalidades na região da Praça XV é importante para indicar não apenas a importância simbólica do local, mas principalmente sua centralidade geográfica para o carnaval de Florianópolis. As primeiras agremiações que usaram a denominação escola de samba surgiram no final da década de 1940 e participaram de competições que ocorriam nessa praça, envolvendo grupos sob diferentes classificações, como blocos e cordões. Não há fontes suficientes para afirmar qualquer característica, explícita ou tácita, que unificasse essa ampla gama de brincantes. Até mesmo a pesquisa acadêmica aceita a versão segundo a qual a primeira escola de samba da cidade foi a *Protegidos da Princesa*, fundada em 1948 e ainda em atividade: “contava na época com a participação de alguns componentes do Bloco Narciso e Dião e formavam um grupo que não ultrapassava trinta pessoas” (TRAMONTE, 1996, p. 86). Essa busca pelas origens

³ Considero nesta afirmação a análise das edições do jornal *O Estado*, em suas edições dos dez dias anteriores e dos dez dias posteriores à data de cada carnaval, entre os anos de 1945 e 1969. Trata-se do jornal de maior circulação em Santa Catarina no período. A maior parte dos exemplares está disponível na Hemeroteca Digital Catarinense, organizada por uma parceria entre a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e a Biblioteca Pública de Santa Catarina.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

interessa mais à disputas narrativas pela hegemonia entre as agremiações do que à digressão diacrônica da narrativa histórica, mas vale ressaltar que o próprio Narciso e Dião, em alguns anos, era anunciado como “escola de samba”. De qualquer forma, o ponto que nos interessa neste momento é o sucesso popular do carnaval (como um todo) na Praça XV. Em 1954, o jornal A Gazeta falava em “40.000 pessoas no carnaval de Florianópolis, na Praça XV” (A GAZETA, 28/2/54).

Divergindo do que é difundido nas representações que busco questionar e complexificar, a Praça XV não é apenas o local das primeiras apresentações das escolas de samba, mas o centro geográfico das manifestações carnavalescas até 1974 – com exceção do carnaval de 1970, quando os desfiles aconteceram na Avenida Mauro Ramos, também próxima do chamado Centro Histórico. Nem sempre o trajeto é circular ou se reduz à praça. Em 1967, por exemplo, “as escolas saem da Praça Pio XII, passando pela Felipe Schmidt, Praça XV e encerram defronte ao Miramar” (TRAMONTE, 1996, p. 113). Foi somente em 1975, quando Florianópolis passava por uma série de reformas urbanísticas e aspirações modernizantes que moldariam profundamente a cidade, que as escolas de samba deram adeus à velha praça.

Avenida Paulo Fontes: o carnaval no embalo da modernidade

Se, nas décadas de 1940 e 1950, as referências às manifestações carnavalescas das classes populares eram muito pontuais nas páginas do Jornal O Estado, principal publicação do período em Santa Catarina, as referências ao ritmo do samba e a elementos específicos das escolas de samba se avolumam a partir do fim da década de 1950. Ocorrem comparações com o carnaval do Rio de Janeiro, ocasionalmente noticiado na mesma publicação.

Só se imita aquilo que se conhece. O aumento da circulação de imagens do carnaval do Rio de Janeiro em revistas e, posteriormente, pela televisão, começa a criar uma projeção hegemônica por parte de componentes e público quanto ao que é uma escola de samba. Ainda que a Protegidos da Princesa esteja ligada à circulação cultural promovida pelo porto e a marinheiros que estabeleceram residência em morros da região central da cidade, o poder da representação imagética como idealização é muito

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

decisivo. Afinal, trata-se de uma história do *popular* (GARCÍA CANCLINI, 2008) que busca sua inserção no mercado de bens simbólicos, em um processo de produção de uma manifestação cultural cujos agentes envolvidos passam por tensões na criação e execução de um desfile em seu *campo* (BOURDIEU, 2007) e entre campos distintos, com os agentes influenciando-se mutuamente conforme suas posições. Nesta história, o *popular* é o inicialmente excluído do *mercado de bens simbólicos* que almeja e busca sua inserção nele.

Essa busca envolve a produção de novos sentidos e fazeres para a manifestação carnavalesca, que justifiquem seu financiamento pelo Poder Público e alimentem as redes de reciprocidade que marcam Florianópolis na segunda metade do século XX. Durante a década de 1960, parte da imprensa local promoveu ampla campanha pela derrubada de construções antigas da cidade, afastando-se da Florianópolis marítima, “com práticas culturais que a todo custo deveriam ser removidas”, segundo “geografias mentais que classificavam determinados espaços urbanos” e “expressavam preconceitos de classe” (LOHN, 2002, p. 355-6). Foi esse espírito do tempo que transformou a cidade durante a década de 1970. Em 1972, foi iniciado um imenso aterro na Baía Sul da Ilha de Santa Catarina, afastando do mar a Praça XV e toda a antiga região portuária e permitindo a construção de novas pontes ligando a ilha ao continente, sendo a primeira delas inaugurada em 1975. Na esteira do processo modernizante, amplamente apoiado pelas redes político-empresariais, um novo aeroporto foi finalizado em 1976, “dotado dos mais sofisticados recursos técnicos para segurança dos vôos, semelhante aos aeroportos internacionais, que se tornaria um dos três mais modernos do Brasil” (OLIVEIRA, 2011, p. 131).

Neste cenário, não havia mais lugar para as formas de carnaval mais simples, criticadas na imprensa na mesma década de 1960, dividindo espaço com as campanhas pela demolição do passado. Se as escolas de samba eram, desde o Estado Novo, configuradas do ponto de vista oficial como a oposição à malandragem, marcada pelo regramento e a ordem (VIANNA, 1995), caberia ao Estado fomentar novas formas de carnaval. As antigas sociedades passam a ser acusadas de falta de criatividade e identificadas com uma cidade arcaica, enquanto as escolas de samba são normatizadas pela DIRETUR, órgão de Turismo da Prefeitura. Em 1970, é ensaiada a saída das

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

escolas de samba da Praça XV, com um desfile na Avenida Mauro Ramos e, a partir de 1975, os desfiles passam a acontecer no Aterro da Baía Sul, na Avenida Paulo Fontes, situada onde antes ficava o encontro do mar com o Centro Histórico (TRAMONTE, 1996, p 130-2).

Algumas exigências passam a ser feitas para a subvenção do erário aos desfiles. Em 1976, era necessário apresentar um mínimo de 230 componentes com proibição de componentes desfilando em mais de uma escola e, em 1977, a Prefeitura impõe adequações no julgamento, reduzindo de 13 para 9 os quesitos a serem julgados: “no quesito ‘samba’, serão julgados letra e música juntos, o mesmo acontecendo com porta-bandeira e mestre-sala; a bandeira deixa de contar pontos, Ala de Frente será o primeiro aspecto analisado, evolução e coreografia serão avaliados com mesmo peso” (TRAMONTE, 1996, p. 133), além dos quesitos bateria, cor padrão e harmonia. A partir desse período, ocorre um atrelamento, cada vez maior e mais decisivo para a competição, entre os elementos de desfile pela narrativa (enredo), numa apropriação do modelo carioca de desfile, perceptível em análise dos cadernos de programação do carnaval que continham letras de samba, roteiros de desfile e outras informações sobre as escolas de samba, distribuídos pela Prefeitura (LEITE, 2013). Em uma cidade que se pretendia moderna e que moldava seu carnaval pela perspectiva do Turismo, aproximar-se dos padrões do carnaval do Rio de Janeiro era parte importante da transformação da cultura popular em produto turístico.

Um vídeo gravado em formato Super-8 por Edson Simas durante o Carnaval de 1982⁴, publicado após digitalização na plataforma digital de compartilhamento de vídeos YouTube⁵, ajuda a identificar características de uma forma de desfilar que ainda

⁴ Este é o vídeo mais antigo registrando desfile de escola de samba de Florianópolis que consegui localizar. Em minha pesquisa, lido com gravações de transmissões de desfiles em VHS, posteriormente digitalizadas. Algumas foram cedidas por componentes de agremiações a mim, mas a maior parte foi reunida pelo colecionador Rodrigo Darosci, integrando os arquivos da Liga das Escolas de Samba de Florianópolis (LIESF) durante sua passagem como Diretor de Acervo da instituição (2014-2017), atualmente sob salvaguarda da Casa da Memória, centro de documentação gerido pela Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, parte da estrutura administrativa do município de Florianópolis.

⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HtcBt7XS7cI&t=5s>. A identificação pouco específica e a localização quase acidental (ao procurar apenas por “carnaval 1982”) permitem refletirmos sobre a relação entre historiadores e esse tipo de plataforma colaborativa de acervo digital. Ao permitir a publicação de vídeos com o título e a descrição que o responsável pelo envio escreve, sem uma classificação especializada, a plataforma nos deixa sujeitos a precariedades e equívocos na identificação. Isto nos demanda atenção para a ampliação dos termos de busca e pensarmos formas de fuga da hiperpersonalização promovida pelos algoritmos, como a pesquisa sem identificação de usuário. Talvez

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

passaria por transformações. Dos 4 minutos e 18 segundos da gravação, o cinegrafista registra por 35 segundos a apresentação da escola de samba Embaixada Copa Lord, campeã daquele carnaval com o enredo “O último carijó na ilha encantada”. O tempo restante é dedicado às sociedades carnavalescas, que também desfilavam na Praça XV nas décadas anteriores e agora estavam na Avenida Paulo Fontes. Com seus carros de mutação com movimentações que procuravam provocar efeito de surpresa ou transformação, as sociedades parecem constituir, aos olhos do autor do vídeo, o principal atrativo visual do evento, o que não corresponde necessariamente à percepção predominante à época e indica uma dissociação entre visualidade e atratividade do evento, pois as escolas de samba já eram destacadas como grande atração pela imprensa.

Embora curto, o registro da escola de samba Embaixada Copa Lord é riquíssimo. A agremiação desfila com alas (grupos de componentes com a mesma fantasia) que buscam alguma forma retangular e sensação de unidade, mas há componentes espalhados pela pista, fora da posição roteirizada. Um grupo de mulheres enfileiradas faz evoluções curvilíneas entre as alas (popularmente chamadas de “cobrinha”). Tais características permitem relativizar a rigidez do sequenciamento da narrativa disponível nos roteiros de desfile, apontando para uma espontaneidade que não supera a organização, pois é parte constitutiva de sua própria forma. Embora o roteiro proposto pela agremiação apresente total conexão entre enredo, samba-enredo e visualidade, os desfiles ainda se encontravam em uma fase híbrida nessa relação, num processo de apropriação do formato carioca de desfilar. O carnaval de 1982 não é o início dos “tempos da Paulo Fontes”, mas a oitava das treze edições dos desfiles que foram realizadas naquele local.

O crescimento numérico e de investimento nas escolas de samba nos anos seguintes é muito significativo. “Nas décadas de 80 e 90, as exigências infra-estruturais e econômicas às escolas de samba são cada vez maiores, resultado do crescimento da escola de samba como “mercadoria cultural” e a inspiração no modelo do Rio de Janeiro” (TRAMONTE, 1996, p. 160). Em 1976, havia o número mínimo de 230

seja necessário, em algum momento, discutirmos o auxílio de profissionais da área de Tecnologia da Informação para invisibilizarmos ao máximo nossas identidades durante as investigações desses imensos acervos.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

componentes, geralmente superado em cerca de 50% nas contagens oficiais. Em 1987, de acordo com informações divulgadas pela RBS TV durante as transmissões dos desfiles, as escolas desfilam com cerca de 2 mil componentes cada uma, com a Unidos da Coloninha chegando a 4 mil componentes. Em transmissões dos anos seguintes, fala-se de 5 mil componentes na mesma escola em alguns dos carnavais que a sagraram pentacampeã entre 1984 e 1989.

Na transmissão televisiva do carnaval de 1987, o desfile é celebrado como acontecimento da cidade. Seu crescimento vertiginoso no número de componentes pode ser facilmente percebido, bem como a adesão quase total ao formato do tripé narrativo. A organização retangular das alas e o sequenciamento do desfile conforme um roteiro são mais rígidos, sendo o fio condutor da narração. Foram localizados registros das escolas de samba Protegidos da Princesa, Embaixada Copa Lord, Unidos da Coloninha e Acadêmicos do Samba, também conhecida como Lufa-Lufa. Somente nesta última é perceptível um desatrelamento entre elementos de desfile e narrativa, bem como uma organização menos competitiva. Trata-se de uma agremiação de menor porte, sediada no município de São José. É uma das várias escolas de samba que terão dificuldades na adaptação ao novo modelo de carnaval e encerrarão suas atividades nos anos seguintes. Isto, todavia, não torna sua apresentação menos significativa, pois indica a permanência de traços residuais do modelo de carnaval dos anos anteriores até o último ano dos desfiles na Avenida Paulo Fontes. Em meio ao turbilhão de transformações nos desfiles, ainda havia resquícios dos primeiros anos de carnaval na Avenida e dos tempos anteriores, da Praça XV, permitindo desmistificar com solidez as características fixas – romantizadas ou exageradas – frequentemente veiculada envolvendo uma divisão do processo histórico do carnaval de Florianópolis em três períodos marcados pelos palcos das escolas de samba.

Na Praça XV e imediações, como o Largo da Alfândega, outras brincadeiras carnavalescas continuavam, com blocos, shows e concursos de fantasias. A proximidade geográfica entre a Praça XV e a Avenida Paulo Fontes fundia os dois carnavais: a dispersão dos desfiles ocorria à beira da praça, fazendo com que os componentes das escolas se misturassem ao restante da festa. Após o desfile de cada escola, parte dos 2

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mil componentes ia brincar o carnaval na praça, alimentando com uma grande massa os eventos durante toda a noite.

Passarela Nego Quirido: a separação entre carnavais

Edison Andrino foi o primeiro prefeito eleito em sufrágio universal em Florianópolis durante a redemocratização do país, após a sucessão de prefeitos nomeados pela Ditadura Militar. Esteve à frente do município de 1986 a 1988 e encontrou um carnaval altamente dependente das relações com as oligarquias locais e com as elites política ligadas à antiga Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Afinal foram cerca de 20 anos com os mesmos grupos políticos no poder, exatamente no período de crescimento das escolas de samba. Nos programas de desfile divulgados pelas agremiações até 1986, as alas sempre desfilavam em “homenagem” a alguma autoridade ou empresário, ainda que a fantasia fosse de rei, pirata ou jardineira.

É nesta intrincada teia de relações que Andrino exerce a ambígua posição de construir a Passarela Nego Quirido e cancelar o carnaval de 1988, sob protestos organizados dos sambistas que, com faixas em frente à Prefeitura, afirmavam que “No centenário da Abolição, é covardia!”. Se o prefeito alegava que a verba que seria empregada na subvenção dos desfiles foi usada para construir o sambódromo, as queixas dos sambistas colocavam a realização do carnaval como prioridade. No conturbado cenário político da época, “não se pode ignorar que pudessem haver forças políticas interessadas neste confronto, já que acabava de assumir um prefeito de partido de oposição, o PMDB, rompendo a cadeia de conservadorismo político” (TRAMONTE, 1996, p. 175).

Inaugurada em 1989, com quatro lances de arquibancadas com capacidade estimada à época para 6.800 lugares, além de 70 camarotes com 1.860 lugares e uma pista de desfile que se estende por 480 metros, a Passarela foi batizada como Nego Quirido (com i mesmo, uma forma considerada carinhosa no linguajar local), apelido do sambista Juventino João dos Santos Machado, um dos fundadores da Embaixada Copa Lord. À época, houve alguma polêmica quanto à nomeação, havendo quem reivindicasse para a pista o nome de Hilton Silva, o Lagartixa, rei momo por mais de 30

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

anos (BERNARD, 2001, p. 196-7). Porém o nome que ficou eternizado foi mesmo o do fundador da segunda escola de samba mais antiga em atividade na cidade.

Neste ponto, encontramos uma primeira consequência relevante do novo palco: a emergência deste novo nome na *cultura histórica* do carnaval local, compreendida como a “intersecção entre a história científica, (...) saber profissionalmente adquirido, e a história sem historiadores, feita, apropriada e difundida por uma plêiade de intelectuais, ativistas, editores, cineastas, documentaristas (...)” (FLORES, 2007, p. 95) e as múltiplas maneiras como a sociedade se relaciona com a história no “nexo prático da vida” e, com ele, “condicionalidades, funções objetivas e, com elas, práticas da vida social são adicionadas aos elementos subjetivos da consciência” (RÜSEN, 2012, p. 131). Nego Quirido passa a ser um personagem reconhecido e lembrado anualmente em reportagens e homenagens, tendo sua trajetória valorizada em comparação a outros sambistas, ainda que não exista qualquer indício de uma relevância maior de sua participação em comparação aos seus contemporâneos do “mundo do samba” local.

Na transmissão do carnaval de 1989, a celebração da nova passarela passa por um evidente tratamento como um grande acontecimento, nos termos de Pierre Nora, para quem “o acontecimento testemunha menos pelo que traduz do que pelo que revela, menos pelo que é do que pelo que provoca” e “sua significação é absorvida na sua ressonância; ele é senão um eco, um espelho da sociedade, uma abertura” (NORA, p. 188). Até mesmo Pedro Sirotsky, dono da RBS TV, dá seu depoimento sobre a importância, para a emissora, de financiar o carnaval de 1989, com compromissos enfáticos quanto a jamais deixar que ele volte a não acontecer. Não houve financiamento estatal. O acontecimento da inauguração do sambódromo revela a posição de Sirotsky, que se equilibra entre os antigos e sólidos laços de reciprocidade das redes político-empresariais e o poder do governante de turno na Prefeitura, espelhando a sociedade de seu tempo. Os desfiles foram financiados também pela concorrente RCE TV, enquanto a Prefeitura finalizava as obras. O tratamento dado ao carnaval pelas empresas de comunicação é corroborado pela declaração do empresário Júlio Pacheco em audiovisual gravado nos dias dos desfiles de 1989 e transcrito por Tramonte (1996, p. 179): “é (a escola de samba) uma forma de fixar a imagem junto ao

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

público, de participar junto à comunidade; o carnaval é engrandecedor do turismo da ilha e os empresários já veem aí possibilidade de fixar suas marcas e produtos”.

Enquanto políticos, jornalistas e publicitários celebram o novo palco e as emissoras de televisão investem nos desfiles buscando a inserção identitária na comunidade como principal contrapartida, as escolas de samba apresentam tensões entre diferentes formas de produzir e desfilar relacionadas à Passarela. Durante as transmissões, as disputas entre o “tradicional” e o “moderno” são ressaltadas. A Unidos da Coloninha, que conquistou naquele ano o pentacampeonato com o enredo “Esse Brasil dançador”, é muito elogiada pela sua estrutura administrativa, contando até mesmo com a emissão de carnês para o pagamento parcelado das fantasias pelos componentes. A técnica empregada em seus carros alegóricos, sob o comando do carnavalesco Carlos Magno, também é destacada, por possibilitar leveza e movimento⁶. Por outro lado, os carros da Protegidos da Princesa são considerados mais pesados pelo uso de outras técnicas de confecção, com maior aplicação de madeira.

Magno, aliás, foi o responsável por algumas das decorações aéreas da Avenida Paulo Fontes durante a década de 1980, que deixam de existir na Passarela Nego Quirido. Sem a decoração que provocava uma limitação visual da altura e com pista mais larga, a relação entre palco e desfile muda de proporção, demandando maiores investimentos para o preenchimento dos espaços. As agremiações já aderem totalmente à organização retangular de alas e ao tripé narrativo. O sambódromo acaba com a montagem anual de arquibancadas e separa abruptamente o “carnaval de rua” e o “carnaval de passarela”. A construção foi feita à beira do mar, no fim do Aterro da Baía Sul, aproximadamente 1 quilômetro distante da Praça XV, contando no caminho com uma rodovia de grande circulação e um parque projetado por Burle Marx, nunca finalizado e desde a época degradado.

⁶ Acredito que caiba aqui uma consideração com marca maior de subjetividade, por conta da minha atuação como carnavalesco e compositor, que acredito permitir um olhar específico: os carros alegóricos da Unidos da Coloninha em 1989 são impressionantes até mesmo para uma apreciação desatenta e anacrônica feita neste ano de 2021, que dirá para os recursos da época. Na primeira alegoria, por exemplo, há movimentos de grandes peças que giram, compostas por peças menores que giram em torno de si mesmas. Estes e outros movimentos em carros alegóricos do mesmo desfile demandam grandes esforços de criação e execução de complexos mecanismos que impulsionam a movimentação.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

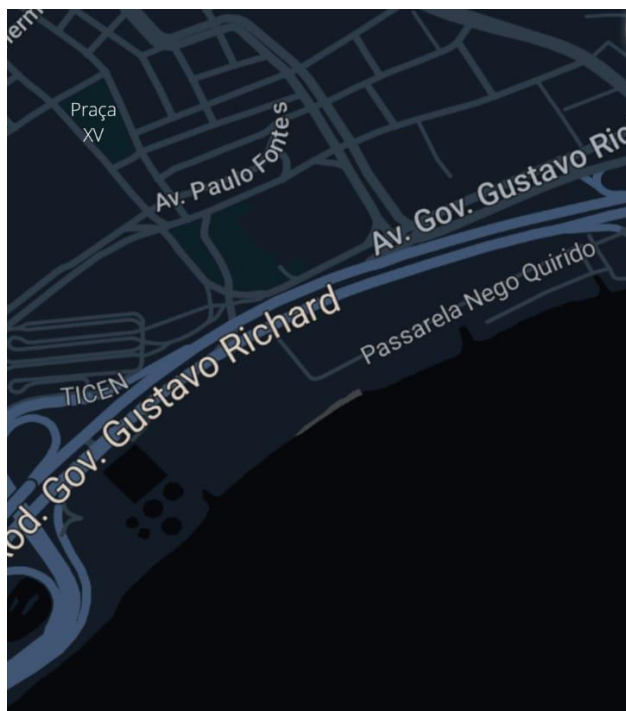


Figura 1 – Mapa atual extraído do aplicativo Google Maps, indicando a localização da Praça XV, Avenida Paulo Fontes e Passarela Nego Quirido. Os desfiles na Avenida Paulo Fontes ocorriam a partir da extremidade à esquerda do leitor e dispersavam próximo à Praça XV. A área de aterro compreende toda a parte do mapa a partir da Av. Paulo Fontes em direção ao mar. A Rodovia Gov. Gustavo Richard é a continuidade das principais pontes de entrada e saída da Ilha de Santa Catarina.

Em 2013, um novo *acontecimento* será revelador sobre as consequências da Passarela Nego Quirido: os desfiles foram cancelados por desentendimentos quanto à responsabilidade pelo financiamento, entre a gestão que se encerrava, de Dário Berger, e a gestão que assumiu a Prefeitura no início do ano, de seu opositor, César Souza Júnior. Voltam a ocorrer manifestações dos sambistas em frente à Prefeitura e na região central da cidade, com as escolas mantendo suas atividades até o financiamento estatal se mostrar inviável. O discurso em defesa do carnaval segue o olhar capitalista forjado a partir de 1989: os desfiles trariam recursos aos cofres públicos, compensando o investimento estatal, gerando emprego e renda e atraindo turistas. Não se trata mais da legitimidade pela tradição, mas pela importância econômica. É o carnaval inserido no mercado de bens simbólicos e vendido como produto turístico.

A capacidade de revelação deste acontecimento está no desamparo encontrado pelas agremiações carnavalescas nas redes político-empresariais. Até mesmo a RBS TV, que em 1989 assumiu o papel de financiadora de desfiles que “não poderiam deixar de acontecer”, passa a veicular a argumentação contrária à subvenção municipal, sem

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

espaço para o contraditório (LEITE, 2016, 66-76). Seu principal comentarista político, Moacir Pereira, noticiou no Jornal do Almoço o cancelamento dos desfiles, em formulação que opunha o carnaval a outras prioridades sociais: “com a ajuda das escolas de samba e organização do carnaval, serão necessários 8 milhões de reais; ele (o prefeito) prefere destinar esses recursos para creches, escolas e postos de saúde” (CANCELAMENTO... 2012). No hiato entre 1989 e 2013, houve mudanças significativas no perfil da população de Florianópolis, dividida entre os “manés” e os “de fora”, com alterações sociais profundas (FANTIN, 2000). Esse novo perfil da população não tem a mesma relação identitária com as escolas de samba, o que reverbera na sustentação política das agremiações, cuja importância fica bastante reduzida eleitoralmente, por exemplo.

No mesmo ano, o “carnaval de rua” foi privatizado, sendo exclusividade da marca de cervejas Skol. Com o completo desatrelamento entre os festejos da Passarela Nego Quirido e os festejos do Centro Histórico, houve amplo espaço para justificativas e apoios ao financiamento privado à festa, contraposto à dependência financeira do Poder Público pelas escolas de samba. A alteração da distribuição geográfica do carnaval de Florianópolis não alterou apenas a dinâmica espacial da folia, mas suas redes de sustentação, sua legitimidade perante a sociedade e suas redes de apoio. Em tempos de reverberação de ideias liberais e discursos de austeridade, impõe-se às escolas de samba o desafio de seguirem se adaptando à dinâmica social de seu tempo.

Referências bibliográficas

BERNARD, Claude. **O bê-á-bá das escolas de samba**. Florianópolis: Diálogo Cultura e Comunicação, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **Negros em Desterro: experiências de populações de origem africana em Florianópolis na segunda metade do século XIX**. Itajaí: UDESC; Casa Aberta, 2008.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

FANTIN, Márcia. **Cidade dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FLORES, Elio Chaves. **Dos feitos e dos ditos: história e cultura histórica**. Revista Saeculum, João Pessoa, n. 16, jan/jun 2007, p. 83-102.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LEITE, Willian Tadeu Melcher Jankovski. **Enredo e samba-enredo: o caso das escolas de samba de Florianópolis (1977-1990)**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Curso de História, Florianópolis, 2013.

LEITE, Willian Tadeu Melcher Jankovski. **“Na tela da TV, no meio desse povo”**: os desfiles das escolas de samba de Florianópolis no mercado de bens simbólicos. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Programa de Pós Graduação em História, 2016.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Limites da utopia: cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950)**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 27, nº 53, 2007.

NORA, Pierre. **O retorno do fato**. In: História: Novos Problemas, novas abordagens, novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História cultural: caminhos de um desafio contemporâneo**. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

REGO, Edgar de Sousa. **Entre diabos e arcanjos: cultura política e sociedades carnavalescas em Desterro (1879-1891)**. TCC (graduação em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa: o tempo Narrado**, v.3, Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

RÜSEN, Jörn. **Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas.** Tradução: Caio C. Pereira, Daniel Martineschen, Peter H. Rautman, Síbele Paulino. Colaboração: Ingetraud Rüsen. Curitiba: W. A. Editores, 2012.

_____. O que é a cultura histórica? Reflexões sobre uma nova maneira de abordar a História. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; MARTINS, Estevão de Resende (orgs.). **Jörn Rüsen: contribuições para uma teoria da didática da história.** Curitiba: W. A. Editores, 2016.

_____. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica.** Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.

TRAMONTE, Cristiana. **O Samba conquista passagem: as estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis.** Florianópolis: [s. n.], 1996.

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba.** 5. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar: Ed. da UFRJ, 2004.